

# TRAJETÓRIAS DA JUVENTUDE: CAMINHOS, ENCRUZILHADAS, SONHOS E EXPECTATIVAS

*Maria Nobre Damasceno*

O presente texto é parte de um projeto de investigação<sup>1</sup> que tem como principal objetivo conhecer as ações e relações desenvolvidas por jovens oriundos de diferentes segmentos sociais, considerando-os como atores sociais e sujeitos produtores de cultura.

Os resultados apresentados aqui foram obtidos mediante uma metodologia de pesquisa que procura combinar estudos quantitativos e qualitativos. Assim, na primeira etapa foi aplicado um questionário junto a um grupo de 1180 (mil cento e oitenta) alunos da 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio de 11 (onze) escolas das redes pública, cooperativa e privada da Grande Fortaleza<sup>2</sup>. Na elaboração do referido questionário o tema juventude foi trabalhado considerando as seguintes temáticas: as relações dos jovens com a escola, a família, o trabalho, a religião, a cultura, o lazer, os amigos e, ainda, a participação em as organizações e movimentos sociais juvenis.

Na segunda fase trabalhou-se usando procedimentos qualitativos, especialmente os grupos focais temáticos, quando os temas foram apresentados mediante vídeo-clips ou encenados, seguidos de discussões grupais, que foram gravadas e filmadas nos seus momentos mais significativos.

Esta etapa envolveu um conjunto de sessões onde foram aprofundadas as seguintes temáticas: 1) Significado da Juventude; 2) Sonhos dos Jovens; 3) Convivência Grupal; 4) Os Jovens e as Desigualdades Sociais; 5) Os Jovens e a Política; 6) Os Jovens e a Família; 7) Os Jovens e as Atividades de Cultura e Lazer; 8) Os Jovens e as Relações de Gênero; 9) Os Jovens e a Sexualidade.

Neste estudo, a equipe procura dar continuidade a investigação anterior sobre a juventude (Damasceno, 1999, 2000), a qual mostrou que apesar dos limites impostos pela socialização oriunda do mundo sistêmico, o jovem, (seja estudante e/ou trabalhador) constitui de fato um ator social que no seu cotidiano não apenas reelabora os saberes, adquiridos na prática escolar e social, mas também, contribui na construção da sociedade, tendo em vista que os jovens buscam a mudança social, expressa através da crítica, da contestação, da transgressão, mas também da criação e, sobretudo, da vivência de novos padrões democráticos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho integra a pesquisa Juventude, Cultura e Sociedade, coordenada pela Dra. Maria Nobre Damasceno, pesquisadora do CNPq, a qual vem sendo desenvolvida desde 1998 e conta com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

<sup>2</sup> Os dados obtidos a partir do questionário foram organizados e tratados mediante a utilização de dois programas principais o SPSS e o Access.



funcio  
nalista  
ano  
70

Conforme elaboração exposta antes, a tematização da juventude pode ser realizada a partir de duas vertentes principais: a *"corrente geracional"*, que se fundamenta no conceito de geração social, donde resulta o processo de continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. Tal perspectiva de acordo com Abramo é profundamente influenciada pela corrente da sociologia funcionalista que toma como categoria de análise um *momento de transição no ciclo de vida*, da infância para a maturidade, que corresponde a um *momento específico e dramático de socialização*, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da "cultura" e da assunção de papéis adultos. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como "problema": *como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social*, por conseguinte a ênfase recai sobre a ótica do "problema social", quer dizer, a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: *ameaça para si própria ou para a sociedade* (Abramo, 1997). Seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social, ainda, por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua formação ou por disfunção do sistema social.

A abordagem da sociologia *funcionalista* no estudo da juventude tem seu ápice nos anos 60, tendo como preocupação central pesquisar o jovem enquanto fonte de problemas, na realidade, alguns estudos na linha da teoria da socialização, acabaram por reconhecer as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade. Fala-se de *rupturas, conflitos ou crises intergeracionais* quando as descontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão ou confrontação.

De conformidade com Machado Pais (1996) a outra vertente teórica que aborda o tema em estudo é a *"corrente classista"*, na qual a juventude é considerada como um conjunto, cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de situações e ou meios sociais diferentes. Portanto, esta perspectiva ao contrário da anterior, não aponta para a unidade e sim para a diversidade da juventude, esta configura seu elemento central.

A pesquisa ora relatada confirma resultados de outras investigações mostrando que quanto maior a ausência do Estado, no que se refere à oferta de equipamentos destinados à participação, à cultura e ao lazer juvenil, tanto mais a rua adquire relevância em suas dimensões socializadoras (Spósito, 1997), conforme expressam os jovens neste estudo:

Eu acho que o jovem gosta de brincar, de se divertir e aqui tem muito pouco isso, ele tem a necessidade de ter isso aqui, e hoje não tem lazer... não tem praça. O único canto pro futebol, que era pra molecada brincar, foi privado... Resumindo a gente não tem lazer. A partir do momento que uma área não tem lazer a rapaziada tem que se ocu-



*par com outra coisa. Porque não tendo lazer não tem como ocupar o tempo, conseqüentemente tem que ocupar com coisa ruim. O lazer hoje é mais a gente curtir um RAP. Ficar em casa ouvindo RAP ou mesmo dançar à noite. Então é mais ou menos isso. (GC MH<sub>2</sub>O/GC Cultura de Rua).*

Os aspectos destacados nas falas dos jovens constituem uma realidade observada com frequência nas diversas regiões metropolitanas estudadas e que traduz a ausência de uma política social voltada para os reais interesses dos jovens, que seja expressa através de projetos políticos, culturais e educativos portadores de significado efetivo no âmbito das instituições estatais, via de regra, quando existe algo é marcada pelo esvaziamento do seu sentido para os atores principais a quem se destina. Por outro lado, o mundo do trabalho, quando é introduzido de maneira precoce no universo do jovem pobre, nem sempre contribui para estruturar sua identidade. Vale destacar, apoiada em Spósito (1997) que a sociabilidade tecida pela mediação dos vínculos com o mundo do trabalho tende a exercer menor força na conformação da identidade do jovem. Nos moldes em que é realizado, o trabalho torna-se mais fonte de renda do que uma atividade que contribui para a realização pessoal.

A reflexão desenvolvida permite inferir que a alardeada rebeldia e insegurança dos adolescentes expressas através das suas “ambigüidades”, decorrem, em grande parte, do modo como é realizada a formação das novas gerações pelas instituições responsáveis pela educação, bem como a inserção incompleta na sociedade, a impossibilidade real de participação no ambiente escolar e na sociedade, o que acaba se convertendo, de fato, numa outra forma de marginalidade social. (Mannheim, 1968).

Portanto, uma forma de explicar o problema da insatisfatória participação social e política da juventude no atual momento histórico consiste em reconhecer que o sistema social tem se revelado incapaz de considerar *efetivamente os jovens como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de seus direitos* (Abramo, 1997, p. 28). De outra parte, é preciso ter clareza que a sociedade vive um momento particularmente conflituoso e repleto de tensões e que o jovem as absorve de forma visceral, pois de conformidade com Melucci (1991) este é o espelho da sociedade inteira, uma espécie de paradigma dos problemas cruciais do sistema social vigente. A questão também é discutida por Diógenes que afirma ser a juventude o segmento que mais catalisa as tensões sociais e as exterioriza, porquanto *é a vitrine dos conflitos sociais* (Diógenes, 1998, p. 162).

## **Significado da Juventude – segundo a óptica dos próprios jovens**

Como dizia o poeta – *são demais os perigos dessa vida*, e acrescentamos principalmente quando se é jovem. É interessante observar que embora



a maioria dos jovens investigados jamais tenha lido Vinícius de Moraes, há uma surpreendente semelhança no modo de conceber a vida, pois para muitos de nossos sujeitos a juventude é uma fase perigosa, por isso, o jovem deve ser forte para não se perder tentando curtir a vida, deixando claro que aproveitar cada momento significa viver intensamente a vida, contado sem “ser baderneiro”. A juventude é uma fase muito perigosa, por ser um período de descoberta. O jovem, então, quer conhecer o mundo, tem muita curiosidade – *aí às vezes quer saber como é a droga, saber o efeito. Também tem o perigo dos namoros, que às vezes, não acontece na hora certa, a menina fica grávida, vem o conflito com a família, às vezes é expulsa de casa e aí passa por muitas dificuldades* (GR Tauá).

Nossos atores ressaltam que hoje o jovem vive num mundo repleto de perigos e violência, por isso, a juventude torna-se uma fase complicada, cheia de medos, angústias e rebeldia. Um participante do grupo que teve experiência com o “lance da droga”, procura mostrar que “esse negócio” só trás prejuízo para o usuário, porque leva à violência... *você entra na porrada com o outro, chega arregrado em casa vai querer descontar o que você sofreu, sai confusão, às vezes, vai preso, correm atrás de você direto, às vezes matam...*(GC MH<sub>2</sub>O).

Para a maioria dos jovens ouvidos a juventude é concebida como *fase da vida*, a fase melhor, quando o jovem está se descobrindo, um momento de transformação, de sonhos, quando o jovem tenta construir um mundo melhor. Alguns destacam que é um período maravilhoso, pois o jovem *brinca, estuda, conquista amigos, descobre como a vida realmente é, e nessa transformação aparecem muitas confusões que paralisam as nossas ações, mas, apesar de todos os conflitos e dúvidas* somos a esperança do país. (GR Tauá). Significa, portanto, a melhor fase da vida, a mais importante, simbolizada pela liberdade, liderança, descoberta, responsabilidade, alegria de viver; mais também porque constitui o futuro do país, a esperança para mudar o Brasil.

De acordo com Machado Pais (1996), a concepção da juventude como fase de vida, encontra respaldo teórico na corrente geracional, a qual tem como ponto de partida a noção de geração social, tal óptica põe em realce a dimensão da unidade da juventude. Para esta vertente, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se desenvolvem a partir de um sistema de valores. A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente refere-se a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante da corrente geracional baseia-se nas *teorias da socialização* desenvolvidas pelo *funcionalismo*. Da perspectiva do *funcionalismo*, os conflitos ou descontinuidades geracionais são na maior parte dos casos disfunções resultantes do processo de socialização.

Uma parcela dos jovens opina que a violência e a rebeldia não são um problema originado apenas pela sociedade, muitas vezes começam dentro do lar, na própria família que em alguns casos agride a criança, noutros não sabe educar, colocar freios. *A falta de responsabilidade, a rebeldia, depende dos pais que deixam correr frouxo, acham que dar liberdade é dar um carro para*



*os filhos assim que eles crescem. A liberdade tem que ser com responsabilidade depende do jovem saber usá-la.* (GR Pedra)

Por seu turno, um grupo maior considera que hoje a rebeldia é um problema gerado na sociedade, e acrescenta que se o jovem da periferia não for rebelde a sociedade que está aí o destrói... *hoje quem manda no país é a sociedade burguesa, nós somos os lumpen (aquele termo do Karl Marx), então nós somos mesmo excluídos. Realmente a juventude hoje se rebela, por não concordar com certos esquemas...Então realmente para sociedade nós somos um grande problema. Somos um problema e vamos ser mais ainda, enquanto a sociedade não respeitar, não der condições para a juventude chegar e dizer assim: hoje a gente tá curtindo a vida, porque tem um trabalho, tem uma escola boa, o jovem é cidadão.* (GC MH<sub>2</sub>O)

Uma rápida incursão pelas pesquisas que buscam explicar o significado e a problemática da juventude na sociedade contemporânea, revela a semelhança entre as falas dos jovens e elaboração teórica. Em conformidade com Abramo (1997) a tematização da juventude é realizada basicamente pela ótica do "problema social", quer dizer, a juventude só se torna *objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade*. Seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social, ainda, por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua formação ou por disfunção do sistema social.

Tal perspectiva corresponde ao que Machado Pais (1996) chama de *corrente geracional*; como discutimos anteriormente essa concepção é profundamente influenciada pela corrente da sociologia funcionalista que toma como categoria de análise um *momento de transição no ciclo de vida*, da infância para a maturidade, que corresponde a um *momento específico e dramático de socialização*, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da "cultura" e da assunção de papéis adultos. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como "problema": *como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social* (Abramo, 1997).

Hoje, com o agravamento da crise social, os estudiosos estão mais preocupados em perceber as formas de agir coletivo entre os jovens, os diversos processos de sua socialização nos espaços das cidades, da rua, do trabalho, da escola. Procuram dirigir suas análises para o reconhecimento de que os jovens, em particular os filhos da classe trabalhadora, são atores sociais portadores de novas identidades coletivas (Spósito, 1994). Tal postura, em parte decorre da mudança de visão acerca da juventude, pois a partir dos anos 90 a visibilidade social dos jovens altera-se em relação aos anos 80. O que o caracteriza não é mais a apatia e desmobilização; pelo contrário, é a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos



de ações individuais e coletivas. Conforme demonstra a fala a seguir:... *Enquanto não existir espaço para o jovem, enquanto a juventude não tiver cheia de alegria e de curtidão, ficar sempre na porrada! Na miséria, a gente vai se rebelar, vamos ficar cada vez mais rebelde.* (GC MH<sub>2</sub>O)

Em suma, os dados mostram com clareza meridiana que os jovens da periferia enxergam que se faz necessário e urgente mudar a estrutura sócio-econômica atual, visando criar condições dignas para população, também defendem com veemência que o primeiro passo reside na luta pela sobrevivência, como demonstra um de seus líderes:

*Ó bicho! Vai chegar um dia que a gente vai pedir sopa e, os caras não vão dar sopa, pode esperar... O pessoal fica falando que é via-gem, que a gente é reformista que quer aderir ao capitalismo, não sei o quê... Eu quero que o povo sobreviva, pra ele poder lutar, contra esse negócio aí, de pé no chão. O cara que tá preocupado com a comidinha, e o dinheiro do ônibus de amanhã, o cara vai pensar em porra nenhuma! Pensar em luta, em revolução... Esse processo de transformação é a vida real de todos nós. Hoje a questão da sobrevivência é que vai ditar todos os movimentos sociais, ajudar a refletir tudo isso* (GC Cultura de Rua).

## Os Jovens e Seus Sonhos no Âmbito da Realização Pessoal e Coletiva

Como foi observado pelos integrantes do grupo de pesquisa, entre os jovens há verdadeiros filósofos, para os quais *o que é permitido ao jovem é sonhar, já realizar o sonho é bem mais difícil*, por isso, ele pode sonhar com uma vida digna, e completam – *querer uma vida digna não é sonho apenas dos jovens e sim de todo ser humano*. Um outro acrescenta: *acho que quando a gente é jovem, não só o jovem, a gente tem bastante sonhos, eu não tenho só um, eu tenho vários, o meu sonho não é só ver um Brasil melhor, mas um mundo melhor*.

Para nossos atores o maior sonho no âmbito da realização pessoal consiste em concluir o ensino médio e entrar na universidade; conseguir um bom emprego, trabalhar, ser independente, ajudar à família, ser feliz e realizar-se amorosamente. *Eu sonho terminar os estudos, usufruir da profissão que quero escolher e assim poder ajudar a família e o país*.

Aparece em primeiro plano a importância do estudo, *eu acho que o sonho de cada jovem é ter um estudo digno para que assim a pessoa possa arrumar um trabalho que possa faturar boas coisas para si, não só o dinheiro mas como novas amizades, o emprego, poder construir uma família e dali poder partir para um futuro* (GR Tauá)

Grande parte dos depoimentos destaca que o sonho da maioria dos jovens consiste em ter um estudo digno para que assim, possam arrumar um



trabalho para no futuro garantir *boas coisas* para si, e sua família, realçam que não estão se referindo somente ao dinheiro, mas também, as novas amizades, o emprego, *a gente ergue a cabeça e levar a vida em frente para conseguir um serviço, um emprego que leve seu futuro e mais alguém que você puder realizar um sonho que se sonha para todos, me formar e ter um bom emprego, esse é o meu sonho*. Ressaltam que o jovem sonha bastante, *um dos meus sonhos que eu desejo que se realize é que primeiro eu quero terminar meus estudos, arranjar um bom emprego, ajudar meus pais, ajudar alguém que precise, casar, construir uma família, se tudo isso acontecesse para mim acho que já era bom o bastante*. (GR Pedra).

A questão que o leitor atento deve estar fazendo e que fizemos tantas vezes no decorrer da pesquisa é a seguinte – se eles são submetidos a tanta exclusão, se a própria escola é repleta de contradições pois, ao mesmo que os acolhe (mediante o acesso escolar) os expulsa através do processo sucessivo de repetência, que via de regra, culmina com a evasão, então de onde vem tanta esperança na escola, no poder do estudo?

A resposta não é simples, tendo em vista que, se a crença no poder da educação como instrumento de mobilidade social, se por um lado, encerra uma possibilidade real de melhoria das condições de vida, por outro, contém um forte componente ideológico<sup>3</sup>. É conveniente destacar que parte dos jovens percebe e expressa tal contradição com bastante clareza. Vejamos a fala de um dos participantes: *Oh meu! O cara de repente pensa que pode ser um advogado, mas, no final o cara se contenta em ser empacotador de supermercado. Eu não vou dizer que o cara tá errado por causa disso, ou não vou condenar o cara porque ele quer seguir Direito, mas, o que reina é que a gente tá sendo educado para ser empregado e os cara para mandar, para ser patrão*. (GC Cultura de Rua)

Quanto aos sonhos de realização coletiva por ordem de relevância foram destacados os seguintes: acabar com o desemprego; lutar pela melhoria salarial; resolver a situação da saúde, educação (escolas, analfabetismo); moradia; ajudar as pessoas carentes/pobres que precisam, as crianças de rua; acabar com a violência/fome/miséria e lutar por uma sociedade igualitária.

Os modos como são tratados os problemas do país pelos governantes são percebidos e criticados pelos jovens, eles afirmam que estão revoltados contra a situação vigente, e acrescentam – *por isso estão acontecendo essas manifestações que a gente vê, porque os jovens, e o povo em geral, ficaram indignados com isso que está ocorrendo, a corrupção está demais, o Movimento dos Sem Terra vem mostrando para gente todo esse negócio aí, eles dizem que é preciso ter o que comer e não têm onde plantar, o pessoal vem do interior para cá, chega aqui para pedir esmola, fica dormindo no meio da rua, tendo um terreno ali pronto para plantar e não pode plantar porque tem um*

<sup>3</sup> No item 4 que trata das relações do jovem com e na escola, retoma-se essa linha de análise.



*dono, tem um burguês na frente. Então assim, que desapareça isso. De hoje em diante estamos fazendo a revolta de hoje...* (GC MH<sub>2</sub>O)

A beleza da utopia juvenil aparece de forma clara, pura, bem delineada, completa, rica em profundidade e em detalhes na fala a seguir: *o meu sonho é gravar o disco dos malucos aqui, vender para caralho, e ter dinheiro para gente ajudar outros grupos de rua e criar uma economia solidária na periferia, independente do sistema. Botar uma borracharia para botar os malucos que não têm mais como voltar para escola para trapamar, botar um lavador de carro pros doido que não tem mais espaço na escola, tentar levar o dinheiro de uma forma digna e honesta. O meu sonho é esse, é tentar terminar meus estudos por que eu sei que só o rap não vai servir. Mas, se for só pelo sonho, se não tiver tempo de estudar, deixa quieto. Todo mundo tem um sonho né! Eu faço rap não é só por causa da música, não é só por causa do boné, da calça larga, do tênis. É muito mais do que isso, sabe como é que é? Eu sou um cara pobre e hoje eu tô aqui, meu sonho é viver bem, todo mundo quer viver bem, viver com amor, com a família, com os parceiros* (GC Cultura de Rua).

Como era esperado, a utopia juvenil é repleta de *solidariedade*, uma parcela considerável põe em relevo que se o jovem quer um país melhor não deve olhar somente para si, e sim, para aquelas pessoas que precisam de ajuda – *é ajudando uns aos outros que a gente pode construir um país melhor, mostrar também para aqueles que governam nosso país que aquelas pessoas que passam fome, dormem na rua, não têm afeto de ninguém, não têm um olhar amigo de ninguém, eles também podem ajudar essas pessoas.* (GR Tauá).

Outros reforçam que a luta pela construção de *mundo melhor* requer que os jovens reflitam sobre o que querem realizar – *mais paz, mais amor e respeito, um mundo sem drogas, construir uma vida mais humana, mais digna.* O sonho de uma vida digna não é apenas dos jovens e sim de todas as pessoas, *pois quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar*, o ser humano sente prazer em ajudar, ao ajudarmos alguém estamos contribuindo para começar a se realizar a vida digna porque ninguém merece está passando fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança, *machuca ver uma criança passar fome*, então, quando colaboramos, seja dando alimento, dando carinho, estamos contribuindo para que esse sonho se realize.

Uma descoberta interessante obtida nesta investigação que, embora não seja totalmente original muito surpreendeu, diz respeito à clareza com que os jovens “pós-modernos”, estão buscando outros caminhos para fazer política. O contato com as organizações juvenis (grupos religiosos e culturais), especialmente com o Movimento Hip Hop, mostra que os integrantes deste agrupamento procuram estudar, possuem uma visão crítica acerca das teorias políticas e se preocupam com adequação destas à realidade cotidiana, como evidencia a fala a seguir- *os caras ainda tão perguntado se o socialismo exista na periferia, por que essa pergunta cara? O socialismo não é igualdade, solidariedade e justiça? A gente tem que procurar é construir mo-*



mentos para esses valores proliferarem, é não ficar falando que tem que ser assim, tem que ser assado, tem que descer para a ação. Por exemplo quando falta farinha na casa da minha mãe, a outra vizinha vai e dá, cara, é socialismo, entendeu!? Tem que espalhar isso!... (GC Cultura de Rua)

Dentro desta moldura que tem como marca maior a solidariedade, se pode compreender melhor a participação de nossos sujeitos em organizações sociais juvenis. Tal engajamento, embora não seja compartilhado pela maioria, julga-se altamente relevante constatar que cerca de um terço dos jovens estejam envolvidos em grupos juvenis formais, que se reúne e realiza atividades regulares. Essa participação é qualificada do seguinte modo: grupos sociais/religiosos (23,5%); grupos culturais (41%), dentro desta categoria destacando-se: música (35,5%), teatro (18%), bandas (15%). Fica claro que a experiência mais positiva de sociabilidade ocorre naqueles ambientes onde há estímulo à participação, notadamente nos agrupamentos tipicamente juvenis.

Os dados da pesquisa permitem concluir que a alardeada passividade dos jovens ocorre apenas na aparência, depende da forma como os estudos têm focado a questão, pois, embora a participação direta em partido político e no movimento estudantil seja reduzida, os jovens investigados estão descobrindo novas formas de fazer política tendo em vista que mais de um terço (31,6%) participa regularmente de organizações sociais juvenis. Além da busca dos ideais e utopias juvenis o significado dessa participação grupal expressa a necessidade de fazer amigos (67,3%); sentir-se bem (61%); divertir-se (52,7%); sentir-se útil (44,2%).

A maioria (78,7%) considera a amizade altamente importante. Por ordem de relevância, destacam que amigo é fundamental em suas vida para: bater papos, trocar idéias, desabafar compartilhar as horas de alegria e de tristeza, dar conselhos, ajudar no crescimento, aprendizagem, para sentir-se bem, ser feliz, sair e divertir-se, ajuda a acabar com a solidão, dar apoio. Também ressaltam as características de um amigo: aparecendo em primeiro plano, qualidades como: sinceridade, fidelidade, companheirismo, compreensão, lealdade, confiança. O sentido da amizade ocupa uma posição tão central no cotidiano dos jovens que estes ao opinarem sobre o que mais gosta no lugar onde mora aparece em primeiro lugar os amigos (64,7%), vindo a seguir a solidariedade entre as pessoas (31,8%).

Tais resultados, ao nosso ver, evidenciam que os jovens, ao seu modo, estão reagindo ao processo que Guatarri (1996) chama de "modelização". O autor considera que há uma produção da subjetividade ampla em escala mundial, de base capitalística, que se caracteriza pela produção serializada a que são submetidos os indivíduos, desde a mais tenra idade. Quer dizer, o sistema capitalista produz não apenas o controle das relações sociais, mas também a produção da subjetividade, o que significa uma "modelização" nos modos de percepção, sensibilidade, linguagem, memória, relações sociais.

Uma outra importante contribuição nesta linha de análise é fornecida por Dubet (1994), que opera a noção de *experiência social*, cujos estudos



privilegiam o resgate da individualidade e da identidade do sujeito, revelando que o ator constrói a sociedade no cotidiano, não sendo apenas um indivíduo que realiza o sistema.

O autor em pauta enfatiza que os estudos contemporâneos mostram que as ações do indivíduo não são reduzidas às exigências do mundo sistêmico; na verdade, estes atuam como atores que constroem a sociedade nas trocas cotidianas, nas práticas de linguagem, no apelo à identidade; conserva-se *“uma distância subjetiva entre o ator e o sistema”* (Dubet, 1994:14), tal entendimento significa uma superação da concepção fundada na racionalidade instrumental. O resgate da individualidade e da identidade na compreensão da ação do sujeito, ao mesmo tempo em que preserva a autenticidade da experiência subjetiva e dos saberes que a sustentam, mantém o elo com o coletivo e o social. A ação é vista como conhecimento, como interação, como linguagem, como estratégia sendo que a noção de experiência social destaca que os atores devem gerenciar ao mesmo tempo muitas lógicas e racionalidades de ação num sistema social marcado por diversas lógicas. Não havendo uma lógica única e fundamental como referência de conduta, a experiência social *gera necessariamente uma atividade dos indivíduos, uma capacidade crítica e uma distância de si mesmo* (Dubet, 1994:92).

## A Caminhada Rumo à Realização dos Sonhos: Uma Estação Chamada Escola

### *Importância Atribuída à Escola*

Ao focar as relações que os jovens desenvolvem com a escola uma série de indagações, vieram a tona – o que os jovens buscam na escola? Para eles quais o papel social da instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço?

As falas dos jovens, as respostas dadas ao questionário não deixam dúvida – escola é considerada altamente importante pela quase totalidade dos jovens estudados (99,5%). Dentre as razões apontadas sobressaem as seguintes: ajuda para ter um futuro melhor (acesso ao trabalho); ensina a ler e escrever, dar conhecimentos (matérias, disciplinas). Ela é um passo para o futuro: aprende-se a falar corretamente, aprende-se a conviver melhor com o ser humano.

Uma parte considerável dos jovens ressalta que a escola é fundamental para a vida das pessoas, porque ensina a viver e a formar o cidadão desenvolve o caráter da pessoa, *ensina a falar, pensar e agir. Quando uma pessoa se comporta de forma irresponsável é porque ela não teve ninguém que lhe e ensinasse o que seria responsabilidade, a ser uma pessoa responsável, não adianta você só cobrar responsabilidade depois de grande, pois a responsabilidade começa em casa e na escola, a partir dos pequenos atos*



*você vai sendo responsável, aprendendo assim a ter liberdade com responsabilidade (GR Pedra).*

Ao serem questionados acerca do que mais gostam na escola – destacaram o papel pedagógico exercido por aqueles professores que são esforçados, *se preocupam com ensino e motivam os alunos para vencer*, por outro lado, ressaltaram os colegas que são *esforçados, amigos, não bagunçam*. Quanto ao que menos gostam na escola – aparece a desorganização institucional (secretaria, biblioteca, direção), *os professores faltosos, que enrolam as aulas; os alunos que bagunçam*.

A escola é considerada pela imensa maioria como a primeira e fundamental estação na caminhada, rumo à estação trabalho, que por sua vez conduzirá ao sonho de uma vida com dignidade. Portanto, é a porta mágica – *se a juventude é o futuro do país e se nós sonhamos com um futuro melhor cabe a nós cuidar para que esse sonho se torne realidade*. Enfatizam ainda que – *é através do estudo que se pode transformar o Brasil, e realizar o sonho juvenil de acabar com as desigualdades entre as pessoas, e concluem, é na escola que a gente começa a construir nossa realidade, se amanhã a gente vai ser o futuro do país a gente também tem que saber muito, tem que estudar, ter mais experiência para lutar para transformar o país.* (GR Tauá)

Uma parcela destaca que os jovens logo estarão constituindo família e tendo responsabilidade na educação de futuras gerações – *a escola é o ponto de partida que o jovem tem para construir não só um mundo melhor, mas também, se preparando cada vez mais para educar nossos filhos, para que estes também possam lutar por mundo melhor, mais igual e solidário, porque nós já estamos partindo para o terceiro milênio* (GR Tauá).

A noção da solidariedade, o ideal de um mundo melhor marcado por relações mais igualitárias reaparecem quando discutem o papel social da escola e a importância do estudo num sentido mais amplo. *Era bom se o mundo fosse como eu penso, porque eu acho que o mais importante no ser humano não é como ele escreve, não é como ele vai fazer uma conta de matemática, mais importante no ser humano é a sua personalidade, como ele pensa, era bom se o mundo inteiro fosse só assim, uns ajudando os outros, não existisse dinheiro, era bom que a gente aprendesse só para aumentar....como é que eu digo assim... que a gente aprendesse só porque a gente quer e não porque a gente tem de estudar porque futuramente a gente tem de arranjar um emprego, porque eu vou ter de me formar, era bom se a gente fosse só para escola só porque a gente quer aprender, saber como um dia foi... saber as capitais, aprender a lidar com os números, mas porque eu estava a fim de aprender não porque eu tenho de aprender, porque eu vou ter de me formar, vou ter de me formar em alguma coisa e vou ter de estudar, ganhar dinheiro para se sustentar. Era bom que a gente freqüentasse uma escola só para nossa aprendizagem, porque a gente freqüenta uma escola para nossa aprendizagem, mas para algo mais, porque ninguém pode negar que a gente está estudando para a gente ganhar uma verba legal, para você... É legal a gente ir para a*



*escola aprender mas também a gente vai pensando um pouco o que é que eu vou ser no meu futuro. As cobranças. Era bom que a gente estudasse só porque a gente quer, não existisse essa ideologia, esse capitalismo, as pessoas só pensando em ganhar, ganhar, ganhar.... A gente estuda, mas no fundo, é porque eu preciso ser alguém futuramente. (GR Tauá).*

Outro grupo põe em relevo o papel da escola na compreensão dos direitos sociais – *a escola influi muito não só para a gente aprender para ter um futuro melhor, mas para ter um país melhor também, porque na escola se a gente aprende nossos direitos, se a gente conhece nossos direitos, acho que se a população de um modo geral conhecesse seus direitos, o seu valor e lutasse pelos seus direitos não estaria como está hoje. Acho que as pessoas são muito acomodadas, não lutam pelos seus direitos. Se eles não conhecem bem os direitos que tem como podem lutar eles! Acho que se todos lutassem pelos seus direitos e se organizassem e conhecessem seus direitos e lutassem por eles acho que o Brasil seria diferente. A escola contribui para você conhecer seus direitos e deveres. (GR Pedra).*

Nas falas fica patente a preocupação com uma escola que possibilite ao jovem entender o mundo, que vá além da reprodução do conhecimento, ou seja, a busca de escola emancipatória, que tenha por objetivo a educação libertadora tão cara ao nosso grande educador Paulo Freire.

Certamente no horizonte dos jovens a relação da escola com o mundo do trabalho constitui uma preocupação central – *no ano 2000 quem não souber ler, quem não estiver preparado não entra no mercado de trabalho, quem não souber alguma coisa não entra nem supermercado para comprar. É por isso, que algumas pessoas vão forçadas para a escola, chega lá dá trabalho para os professores, quem quer aprender eles atrapalham e fica chato (GR Tauá).*

É bastante recorrente na opinião dos jovens a idéia de que se a situação para quem estuda está difícil, imagina para que não teve acesso aos estudos. *Ora se para quem já está formado, que já tem um conhecimento profundo daquela especialidade, é difícil porque está difícil o mercado de trabalho, então acho que para a gente ser alguém tem que batalhar (GR Pedra).* Nesta linha de argumentação é posta em destaque a pressão que as famílias fazem, no sentido de que os filhos estudem, a fim de se prepararem para enfrentar as exigências do mercado de trabalho e posteriormente ajudar no orçamento familiar.

Na verdade, a busca da superação da situação de pobreza e consequentemente da exclusão social através do estudo constitui o maior sonho, em termos de realização pessoal, expresso pelos jovens investigados. Por isso, (cerca 30%) enfatizam que em primeiro lugar querem concluir os estudos (formar-se, entrar numa faculdade), para em seguida conseguir um bom emprego, trabalhar, ser independente, ajudar a família e ser feliz. Quando enfocamos o sonho em termos de realização coletiva – destacam em primeiro plano lutar contra o desemprego e a favor da melhoria salarial, resolver a situação da saúde



de, educação (qualidade do ensino, analfabetismo), moradia da população, a seguir ressaltam a necessidade de ajudar as pessoas carentes/pobres que precisam (especialmente os idosos e as crianças de rua) e ainda, acabar com a violência/fome/miséria, enfim, lutar por uma sociedade igualitária.

A importância da escola reaparece quando eles foram solicitados a opinar sobre o que mais poderia colaborar para concretização os seus projetos – o estudo aparece como primeira alternativa (85% dos jovens), o trabalho (53,8%), ter talentos especiais (27,6%). Por outro lado, que mais os preocupa é o desemprego (74,5%), a violência (67,6%), problemas de saúde, Aids (50,3%), crise econômica brasileira (47%), solidão (26,6%).

Convém deixar claro que esta via nem sempre produz os frutos anunciados e almejados, por isso, nem todos conseguem a escolaridade básica, e parte daqueles que obtêm um pouco de estudo acabou presos pela teia de uma sociedade perversa, que os exclui. Sendo assim, uma parcela dos jovens da periferia e não só eles, como também velhos, mendigos, bêbados, prostitutas, enfim essa infinidade de pessoas excluídas do processo social encontram-se perdidos no seu próprio mundo, desorientados, diante de uma sociedade que deixou de lado o mundo vivido, suas características valorativas e espontâneas e se firmou na instrumentalização e automatização da vida social. Quando na verdade, a vida humana é a vida ativa dos homens, enraizada cada vez mais no cotidiano: *a vida ativa, ou seja, a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandonas ou chega a transcender completamente* (Arendt, 1991, p.31).

### *Um Olhar Crítico sobre a Escola como Espaço de Relações entre os Jovens*

Conforme vimos anteriormente, uma das funções mais importantes na escola, segundo a opinião dos jovens, reside na possibilidade do encontro (relações entre pares), ou seja, o ambiente propício para fazer amizades. Por essa razão criticam a forma como esta instituição realiza sua ação educativa – *"Na minha visão o cara limitar-se a ter só o 2º grau pra chegar perto de um vestibular não tá dando muito sucesso não entendeu. Você procurar limitar sua vida só em tá ali sentado numa cadeira o ano todo pra passar de grau, acho que não faz muito sentido não"* (GC Cultura de Rua).

A forma das relações entre os sujeitos vai variar, dependendo do espaço e momento em que ocorre, seja fora ou dentro da escola, fora ou dentro da sala, numa clara relação entre tempo e espaço. O recreio é o momento de encontro por excelência. Os alunos de diferentes turmas se misturam, formando grupos de interesse. Há um clima diferente entre o encontro no início das aulas, e o da hora da saída, quando as relações tornam-se mais fugazes, com mais avisos, recados, combinações. Convém destacar que em cada um



destes momentos, predomina um tipo de relação, com comportamentos e atitudes próprios, regras e sanções<sup>4</sup>.

Os educadores precisam ter clareza que são as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação em um sentido amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico. É a diversidade cultural que faz com que os indivíduos possam articular suas experiências em tradições e valores, construindo identidades, cujas fronteiras simbólicas não são demarcadas apenas pela origem de classe (Dayrell, 1992, p. 142).

Na medida em que a escola não incentiva o encontro, ou ao contrário, dificulta a sua concretização, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitido ou em situações de transgressão. Assim, as relações tendem a ser superficiais, com as conversas girando em torno de temas como paqueras comentários sobre alguma moça ou rapaz, programas de televisão. Durante a observação, nunca tive oportunidade de presenciar alguma conversa que aprofundasse mais algum tema.

O cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de idéias, confrontos de valores e visão do mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. E ainda, um momento de aprendizagem de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e a transgressão. Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem idéias, sentimentos.

Nesse sentido, a experiência vivida é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura,<sup>5</sup> aqui entendida enquanto conjunto de crenças, valores, visão do mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social, que terminam por definir a própria natureza humana. (Velho, 1994, p. 140/1). Ou ainda como lembra Sacristán – *o mundo real não é um contexto fixo, não é só*

<sup>4</sup> Refletindo sobre as diferentes formas de interação entre os alunos e destes com o ambiente no cotidiano escolar, Maclaren (1991, P-131) classifica como “estados de interação” os diferentes estilos de relação, identifica quatro estilos básico: estados de “esquina de rua”, “estudante”, “santidade” e “de casa”. Em cada um deles identifica conjuntos organizados de comportamentos, dos quais emerge um sistema de práticas vividas.

<sup>5</sup> A discussão a respeito do concerto de cultura no campo da antropologia não é consensual, havendo mais de 300 concertos cunhados, não cabendo aprofundar a questão no âmbito deste trabalho. Para um maior aprofundamento, buscar, entre outros, Durham (1984), Geertz (1978), Velho (1978), Laraia (1998), Canclini (1983).



nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido a vida. (Sacristán 1994, p. 70).

É ao nível do grupo social, que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva. (Enguita, 1990). Nesse sentido, são essas experiências, entre outras, que constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. Assim, apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural: uma mesma linguagem pode expressar múltiplas falas. Nessa medida em a educação e seus processos é compreendida para além dos muros escolares e vai se ancorar nas relações sociais.

Os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos. A noção de projeto é, entendida como uma construção, fruto de escolhas racionais, conscientes, ancoradas em avaliações e definições de realidade, representando uma orientação, um rumo de vida. Quando se questiona sobre o significado da escola, as respostas são variadas: o lugar de encontrar e conviver com os amigos; o lugar onde se aprende a ser “educado”; onde se aumentam os conhecimentos; o lugar onde se tira diploma e que possibilita passar em concursos.

Apesar da reconhecida importância pedagógica do encontro, das interações desenvolvidas entre os jovens, a escola interfere nos agrupamentos definindo critérios de “enturmação” diferentes daqueles usados pelos alunos. A tendência é separar as turmas anualmente, desfazendo as “panelinhas”, separando os “bagunceiros”, numa lógica que privilegia o bom comportamento em detrimento da possibilidade de um aprofundamento dos contatos. Assim, a cada ano, há um reiniciar constante das relações, dificultando o seu desenvolvimento. Mais uma vez a escola expressa a lógica instrumental.

Em suma, nos contextos investigados, escola é considerada relevante quando possibilita o encontro com os amigos, assim, os pátios, os corredores, os espaços externos da escola são os lugares mais agradáveis e interessantes; os alunos realçam que a escola não privilegia a convivência entre os jovens, embora, esta constitua importante instrumento de formação.

experiência  
inicial  
vivida

relações  
sociais  
e  
educacionais



## Bibliografia

- ABRAMO**, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 25-36. São Paulo, ANPED, 1997.
- ARENDT**, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense, 1991.
- DAMASCENO**, Maria N. Saber Social e Construção da Identidade. In: *Revista Contexto & Educação*. Ed. Unijui, nº 38 abril/jun, 1995.
- DAMASCENO**, Maria N. & THERRIEN, Jacques. "*Relatório da Pesquisa Saber e Prática. Social do Educador*". Fortaleza: UFC/CNPq, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Escola no Campo*. Campinas, Papirus, 1993.
- DAYRELL**, Juarez. *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. B. Horizonte, Ed. UFMG, 1996.
- DIÓGENES**, G. *Cartografias da Cultura e da Violência*. S. Paulo, Annablume, 1998.
- DUBET**, François. *Sociologie de l'expérience*. Paris, Seuil, 1994.
- DUBET**, François & MARTUCCCELLI, A. *L'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris, Seuil, 1996.
- ENGUITA**, Fernández. *A Face Oculta da Escola*. Porto Alegre, Armed, 1994.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975.
- GIROUX**, Henri. *Pedagogia Radical*. S. Paulo, Cortez, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Crítica e Resistência em Educação*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- GUATTARI**, Félix. & ROLINK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- HABERMAS**, Jürgen. *Teoria de la Accion Comunicativa*. Madrid: Ed. Taurus, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento Pós-Metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- MANNHEIM**, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.) *Sociologia da Juventude*. S. Paulo: Zahar, 1968.
- McLAREN**, Peter. *A Vida nas Escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MELUCCI**, Alberto. Juventude tempo e movimentos sociais. *Revista Bras. de Educação*, nº 5: 5-14. São Paulo, ANPED, 1997.
- MARQUES**, M. O. Escola noturna e jovens. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 63-75. São Paulo, ANPED, 1997.
- PAIS**, J. Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- SACRISTÃ**, G. & GÓMEZ. *Compreender e Transformar o Ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SPÓSITO**, Marília. Jovens e educação: novas dimensões da exclusão. *Em aberto*. Brasília, ano 11, nº 56: 43-53, out/dez, 1992.
- SPÓSITO**, Marília P. "Sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade". In: *Tempo Social*. USP, São Paulo, 5( 1-2): 161-178, 1994.
- SPOSITO**, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e a Rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, USP, São Paulo, 1983.
- SPOSITO**, Marília Pontes. Estudo sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 37-52. São Paulo, ANPED, 1997.
- VELHO**, Otávio. *Projeto e Metamoforse – Antropologia nas Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.